

**EPÍGRAFES ARQUITETÔNICAS: ASSINATURAS DOS ARQUITETOS
E CONSTRUTORES DA CIDADE DA SÃO PAULO**

Anna Paula Silva Gouveia, Priscila Lena Farias, André Luiz Tavares Pereira, Haroldo Gallo

Professora doutora no Programa de Estudos Pós-graduados em Design do Centro Universitário Senac e no Programa de Pós-graduação em Artes da Unicamp | *agouveia@sp.senac.br* | *annagouveia@iar.unicamp.br*

Doutora em Comunicação e Semiótica | Coordenadora do Programa de Estudos Pós-graduados em Design | Centro Universitário Senac | *priscila.lfarias@sp.senac.br*

Doutor em História | Pós-doutorando no Programa de Estudos Pós-graduados em Arquitetura e Urbanismo | FAU-USP | *andretavarestap@gmail.com*

Doutor em Arquitetura e Urbanismo | Professor no Programa de Pós-graduação em Artes | Unicamp | *haroldogallo@uol.com.br*

EPÍGRAFES ARQUITETÔNICAS: ASSINATURAS DOS ARQUITETOS E CONSTRUTORES DA CIDADE DA SÃO PAULO

INTRODUÇÃO

A cidade de São Paulo vive um momento característico nesta primeira década do século XXI. O aniversário de 450 anos da cidade, entre outros eventos, chamou a atenção de muitos setores da sociedade para seu patrimônio histórico, cultural e artístico. Isso se refletiu na revalorização do centro histórico da cidade, incluindo a recuperação de edifícios, praças e outros componentes da paisagem urbana. Alguns elementos importantes deste cenário, contudo, frequentemente passam despercebidos aos profissionais da área de patrimônio e restauro arquitetônico. Entre eles, estão desenhos, texturas, adornos, letras e números integrados à composição da fachada dos edifícios. Estamos aqui especialmente interessados nos elementos tipográficos¹ (letras e números) inseridos nessas fachadas. A importância desses elementos na constituição da paisagem urbana foi enfatizada por autores como Nicolette Gray (1960, 1986), Alan Bartram (1975), Jock Kinneir (1980), Phil Baines e Catherine Dixon (Baines & Dixon 2003).

Este artigo é parte de uma pesquisa mais extensa que tem como objetivo mapear as diferentes formas de inserção tipográfica na arquitetura do centro histórico de São Paulo. O recorte espacial da pesquisa compreende uma área de aproximadamente 950.000 m², com cerca de 670 edifícios, cujos limites são: largo S. Bento, Pátio do Colégio, praça João Mendes, rua Riachuelo, rua Dr. Falcão, viaduto do Chá, rua da Consolação, av. São Luiz, av. Ipiranga, largo Paissandu, av. São João.

A tipografia, tradicional foco de interesse de designers gráficos e designers de tipos, está há muito associada à arquitetura e à cidade. Edifícios antigos em centros urbanos geralmente exibem letreiros em suas fachadas, muitas vezes exclusivos, possivelmente projetados junto com o edifício (Gray, 1960, 1986; Bartram, 1975; Valladares, 1976; Kinneir, 1980; Baines & Dixon, 2003). Encontramos hoje, no centro histórico da cidade de São Paulo, letras aplicadas em diferentes partes dos edifícios, e elaboradas em materiais muito variados. Tais conjuntos tipográficos funcionam basicamente como denominadores ou sinalizadores. Essas inserções são geralmente encontradas em portas, janelas, guarda-corpos, portões, em apliques e baixos-relevos em cantaria, alvenaria ou serralharia. Há também alguns casos nos quais a tipografia aparece em placas de sinalização, indicando entradas, saídas, elevadores etc. Encontramos inserções em objetos como caixas de correio, caixas para depósitos bancários, no número e no nome do edifício e nas epígrafes arquitetônicas.

As epígrafes arquitetônicas podem ser definidas como verdadeiras *assinaturas*, destacando a indissolubilidade da relação entre a forma de um artefato arquitetônico, o processo que o gerou e a personalidade de quem o projetou e executou. Os textos das epígrafes identificam o arquiteto ou engenheiro autor do projeto, ou a construtora que executou a obra. Ocasionalmente, informam também a data de construção ou inauguração do edifício e o nome de seu proprietário. Por todos esses motivos, as epígrafes contribuem para a configuração da identidade visual, estética e cultural da cidade, e, do ponto de vista de patrimônio e memória, exibem um efetivo caráter documental.

Essas inscrições são, geralmente, gravadas nas rochas ornamentais utilizadas no revestimento das fachadas dos edifícios. As rochas mais comuns, no caso do centro histórico de São Paulo, são os granitos e mármore. Grande parte das epígrafes foi gravada, de maneira sutil, na base dos edifícios, entre 0,5 m e 1,0 m do piso, próximas às portas da entrada principal. Dentro do perímetro estudado, 120 edifícios apresentam epígrafes arquitetônicas, o que representa cerca de 20% do total estimado de 670 edifícios existentes na área.

As epígrafes arquitetônicas podem ser estudadas e analisadas de diferentes formas, levando-se em consideração seus aspectos materiais, formais, informativos e simbólicos. Neste artigo, enfatizamos os aspectos formais e informativos dessas epígrafes e sua contribuição para o estudo da história da arquitetura paulistana.

AS EPÍGRAFES DO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE SÃO PAULO

Os limites temporais de nossa análise são estabelecidos pelo incremento da ocupação do centro da cidade de São Paulo, na primeira metade do século XX, e pela data de execução das obras presentes nesse núcleo. Estudos importantes sobre essa fase do desenvolvimento urbano de São Paulo e seus agentes podem ser encontrados em Lemos (1981), Carvalho (1999), Campos (2000), Simões Junior (2004) e Ficher (2005).

Estilisticamente, os edifícios presentes nessa área e os seus respectivos elementos gráficos podem ser classificados, genericamente, como ecléticos – em versões que vão do neogótico ao barroco revisitado, *art-déco* e modernistas funcionais –, tendo datações que se iniciam na primeira década do século XX, estendendo-se até as décadas de 1950 e, eventualmente, 1960 e 1970.

As epígrafes encontradas apresentam textos gravados, em sua maioria, em letras maiúsculas, geométricas e sem serifa, seguindo modelos encontrados na tipografia comercial do século XIX, no *art-nouveau*, no *art-déco* e no modernismo do início do século XX. A absoluta maioria das epígrafes apresenta textos com duas ou três linhas, centralizadas ou alinhadas pelos dois lados. Os exemplos de epígrafes com data mais recuada que pudemos registrar em nossa catalogação são aquelas dos edifícios ao redor das ruas Direita, São Bento, Álvares Penteado e 15 de Novembro.

Embora algumas das inscrições tragam datas e nomes enunciados de modo claro, muitas se compõem apenas da identificação sumária do construtor, engenheiro ou arquiteto. Em algumas ocasiões, esse mesmo nome vem grafado em abreviaturas que devem ser decifradas. É o caso da epígrafe AUG. FRIED · ARCH., abreviatura de “Augusto Fried Architecto” (Figura 1), inscrita na fachada do prédio da Casa Irmãos Vitale, na esquina das ruas Quintino Bocaiuva e Direita. A data de 1910, no entanto, pode ser encontrada abaixo do brasão no alto do edifício, na fachada da rua Quintino Bocaiuva, juntamente com outros apliques e adornos. Essa epígrafe é um dos exemplares mais antigos encontrados, e pode ser vista na base de um dos pilares, à direita da entrada principal, a 1 m de altura do piso. Mede 5,5 cm de altura por 64,5 cm de largura. A tipografia é legível, consistindo em letras sem serifa de contorno retangular com cantos arredondados. Não é possível determinar o tipo de revestimento sobre o qual a epígrafe foi gravada, pois a superfície encontra-se pintada, com várias camadas de tinta.



Foto: Humberto Gallo

Figura 1 – Epígrafe arquitetônica da Casa Irmãos Vitale, onde se lê: AUG. FRIED · ARCH.

O estudo cuidadoso dos textos das epígrafes pode fornecer pistas importantes sobre a época de construção dos edifícios, uma vez que palavras como “projecto/projeto”, “architecto/arquiteto” e “constructor/construtor” possuem grafias diferentes antes e depois da reforma ortográfica de 1943.

Embora tenha sido possível identificar epígrafes em edifícios construídos desde a primeira década do século XX, os anos 30, 40 e 50 são os mais pródigos e fartos em exemplos, modelos e número de epígrafes. De certa maneira, o incremento nos modelos e o aumento de sua ocorrência acompanharam o processo de expansão urbana de São Paulo, da área tradicional, demarcada pelo famoso *triângulo* das ruas 15 de Novembro, Direita e São Bento, em direção ao centro “novo”, do outro lado do viaduto de Chá. Esse período também é marcado pela renovação arquitetônica de espaços tradicionais, como o largo São Francisco, da Sé e da praça João Mendes.

Assim, podemos dizer que o desenvolvimento das epígrafes está vinculado ao processo de valorização da área central de São Paulo, e coincide com a verticalização da cidade. Segundo Silva (2004, p.103), a verticalização é um fenômeno que adquire grande importância nas décadas de 1960 e 1970, mas que tem suas bases nas décadas de 1920 a 1940. De acordo com ele, “os edifícios altos e áreas verticalizadas constituíam toda uma simbologia que tem o seu espaço na própria história da cidade, associados à idéia de modernização, de progresso e aos êxitos econômicos da metrópole” (Silva, 2004, p.103).

O incremento e a expansão do ramo da construção civil e da arquitetura determinaram um natural acréscimo de importância e prestígio para escritórios. É provável que, disputando o mercado, as diversas companhias tenham buscado a criação de marcas personalizadas, assinaturas distintivas com as quais pudessem assinalar suas obras, uma vez construídas. Em *Os arquitetos da Poli* (Ficher, 2005), Sylvia Ficher menciona a existência de uma polêmica em torno da correta grafia dos termos “arquitetura” e “arquiteto” no final da década de 1920. De acordo com a autora, um artigo não-assinado, intitulado “Arquitetos, Arkitetos e Architectos,” publicado na *Revista de Engenharia Mackenzie* em 1927, revela que as diferentes grafias possuíam fortes conotações ideológicas antes da reforma ortográfica de 1943 (Ficher, 2005, p.179). Entre os anos 20 e 40, com a criação do IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil,² do sistema colegiado Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia/Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Confea/Crea), e com a regulamentação profissional de 1933, os engenheiros civis e engenheiros arquitetos graduados³ adquirem privilégios de exercício em relação aos construtores não-diplomados no que diz respeito ao direito legal de projetar e construir, elevando ainda mais suas distinções sociais.

As epígrafes arquitetônicas, nesse contexto, ensejam uma dupla leitura: o texto certifica que o edifício é projetado por profissional qualificado e legalmente habilitado, e, ao mesmo tempo, a qualidade do desenho da letra e da gravação confere distinção e

requinte à obra arquitetônica. Em termos atuais, as epígrafes desempenham o papel de um verdadeiro *selo de qualidade do produto*. Com o passar dos anos, verifica-se uma sensível diminuição no número e refinamento das gravações, decréscimo que acompanha a diminuição no ritmo de construção na área estudada.

ANÁLISE FORMAL DAS EPÍGRAFES ARQUITETÔNICAS PAULISTANAS

As epígrafes arquitetônicas paulistanas são gravações executadas, em sua absoluta maioria, sobre placas de rochas que compõem o revestimento do edifício. Encontramos, em alguns casos, epígrafes arquitetônicas executadas em alvenaria ou em placas de metal. Embora possamos verificar a generalização da prática de inserir epígrafes nas laterais das entradas principais dos edifícios, em alturas de cerca de 1 m do solo, sua disposição pode variar.

Na epígrafe do edifício Ouvidor, gravada em rocha de coloração verde-escuro, na rua José Bonifácio, 250, por exemplo, o nome do engenheiro arquiteto Alfredo Mathias encontra-se praticamente escondido, a 20 cm de altura da calçada. As epígrafes arquitetônicas do edifício Martinelli, por sua vez, estão dispostas a cerca de 1,5 m do solo, ao lado das entradas do edifício. A altura e posição dessas epígrafes facilitam a visão dos que passam pela rua Libero Badaró e rua São Bento. A epígrafe localizada na São Bento possui 56,5 cm de largura por 31 cm de altura, e é gravada em granito marrom avermelhado.

As características particulares do material em que se gravam as epígrafes acabam por determinar, também, a aparência final das letras. Os sulcos resultantes das inscrições nas rochas aparecem em três formas predominantes: em V, em U ou em fundo plano, geralmente escareado. Em materiais mais resistentes, como os granitos, o processo de inscrição faz com que os sulcos adquiram um tom esbranquiçado que confere clareza e destaque automático ao texto. Esse efeito pode ser observado de modo claro nos exemplos das epígrafes dos edifícios Brasil (Capua & Capua, Figura 2), José Bonifácio (Antônio A. Villares da Silva, Figura 3) e Justiça Federal (Martins Döbereiner, Figura 4).

Em revestimentos mais porosos, como o mármore travertino ou os granitos escareados, a epígrafe pode, virtualmente, desaparecer ou ocultar-se. Na inscrição ESC. TECH. PUJOL JR | F. REIMANN, T. A. CARVALHO e D. TASSINI, encontrada no edifício do Banco do Brasil na rua Álvares Penteado, 112, a leitura clara depende da passagem dos dedos sobre os sulcos. A gravação é realizada sobre granito equigranular fino, de cor marrom róseo, com escarificação de toda a superfície do revestimento, gerando pouco ou nenhum contraste de luminosidade entre os níveis de relevo.

Em outras situações, obtêm-se belos e requintados efeitos, apesar da dificuldade de gravação em rochas constituídas de minerais de dureza (resistência ao risco) mais alta. Este é o caso da epígrafe N. LUIZ DO REGO (Figura 5), no edifício Anhembi, na rua



Foto: HAROLDO GALLO

**Figura 2 – Epígrafe arquitetônica do ed. Brasil, onde se lê:
CAPUA & CAPUA | ENGROS ARCHITECTOS E CIVIS.**



Foto: ANNA GOULVEIA

**Figura 3 – Epígrafe arquitetônica do ed. José Bonifácio, onde se lê:
ANTONIO A. VILLARES DA SILVA | ENGENHEIRO CIVIL.**

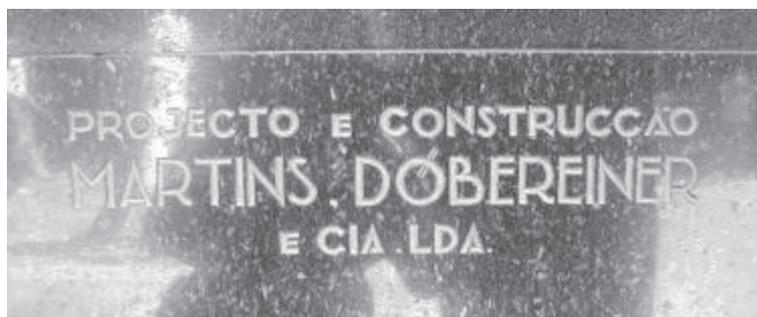


Foto: ANNA GOULVEIA

**Figura 4 – Epígrafe arquitetônica do ed. da Justiça Federal, onde se lê:
PROJECTO E CONSTRUCCÃO | MARTINS.DOBEREINER | E CIA. LDA.**

Senador Feijó, 64, onde as letras escareadas sobre granito preto, polido e brilhante são destacadas pela luz que incide sobre elas, conferindo destaque ao seu desenho *art-déco*. Essa epígrafe, medindo 22,5 cm de largura por 17,5 cm de altura, possui letras de tamanhos variados, frisos, ressaltos e elementos curvos que, em alinhamento um pouco desordenado, ajudam a definir seu caráter peculiar.

Algumas epígrafes arquitetônicas revelam desenhos onde a concisão alia-se à criatividade. Nesse grupo inclui-se a epígrafe CAPUA & CAPUA (Figura 2), encontrada no edifício Brasil, na rua Conselheiro Crispiniano, 29. Medindo 30,6 cm de largura por 8 cm de altura e gravada em granito preto equigranular fino, tem as extremidades de seus originais “Cs” alongadas, sublinhando as demais letras. Aqui encontramos um singular exemplo de uso de tipografia estêncil geométrica que resulta em um conjunto de especial coerência e novidade de desenho.



Figura 5 – Epígrafe arquitetônica do ed. Anhembi, onde se lê: N. LUIZ DO REGO | S. M. RODER LTD. | ENGS – ARCHITECTOS | CONCRETO | ARMADO.

Em outras situações, prevalece a simplicidade. A epígrafe ANTÔNIO A. VILLARES DA SILVA | ENGENHEIRO CIVIL (Figura 3), encontrada na rua Senador Paulo Egídio, 34, no prédio José Bonifácio, por exemplo, prima pela elegante discrição. Revela, nas dimensões de 54 cm de largura por 4,5 cm de altura, de forma reservada e modesta, a assinatura do idealizador ou construtor, gravada em granito preto, de granulação fina, polido e brilhante. Essa economia faz com que a gravação ganhe o aspecto e o significado de um *cartão de visitas*, principalmente por estar composto em alinhamento centralizado, com letras sem serifa de caráter geométrico.

Em outras situações, a técnica inverte os planos, fazendo surgir da pedra as letras pela escarificação dos fundos, e não pela incisão direta da forma desejada. Essa variante torna as letras salientes pelo desbastamento de seus contornos. Nessa categoria estão também as epígrafes do edifício Sulacap, descritas na próxima seção (Figuras 8 e 9).

O desenho renovado da tipografia manifesta-se de modo amplo na execução das epígrafes arquitetônicas, e os exemplos que comentamos aqui fazem parte de um conjunto extenso que comporta grande número de variações. Cada caso acrescenta uma novidade no repertório visual, e seu desenho final resulta da habilidade do gravador e de sua capacidade de explorar as possibilidades da técnica e do material de que dispõe.

Algumas epígrafes arquitetônicas sofreram alterações que comprometem a percepção de seus traços originais. O mais comum é encontrarmos epígrafes cobertas por camadas de tinta que planificam a superfície. Em outras situações, partes da gravação são danificadas pela quebra e remoção parcial da rocha de revestimento da fachada, como é o caso da epígrafe CHRISTOFFEL & CIA, encontrada na rua Álvares Penteado, 34 (Figura 6), ou a letra D na epígrafe AUG. FRIED · ARCH. (Figura 1).



Foto: Haroldo Gallo

Figura 6 – Epígrafe arquitetônica na rua Álvares Penteado, 34, onde se lê: [RANGEL] CHRISTOFFEL & CIA | [----]ROS CONSTRES. Este era o aspecto da epígrafe antes de julho de 2007, quando foi coberta por camada de esmalte sintético na cor laranja.

CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA ARQUITETURA PAULISTANA

O estudo das epígrafes arquitetônicas tem, entre seus objetivos, a identificação dos artífices envolvidos em sua criação. Tal informação faz parte de um banco de dados em que se pode verificar a participação efetiva de escritórios e grupos de construtores na configuração do espaço construído no centro da cidade.⁴

Verificamos que as epígrafes podem trazer informações importantes que atestam fatos relevantes da história da arquitetura na cidade de São Paulo. Assim é, por exemplo, com as epígrafes que se podem ver no edifício Sul América de Capitalizações – Sulacap, na rua Anchieta, 35, próximo ao Pátio do Colégio (Figuras 7, 8 e 9). O edifício possui uma epígrafe do lado esquerdo e outra do lado direito da entrada da rua Anchieta. Na epígrafe da esquerda (Figura 8), podem-se ler os nomes dos arquitetos R. R. Prentice (Robert R. Prentice) e J. Pilon (Jacques Émile Paul Pilon). Na da direita (Figura 9), encontramos referência à CIA Constructora Nacional S/A e à empresa Wayss & Freytac.

Prentice, arquiteto de origem escocesa, é responsável por projetos relevantes executados no Rio de Janeiro, como a estrutura metálica da estação Leopoldina ou o edifício Standard, famoso em sua época por ser o primeiro a incluir um sistema de ar condicionado central. O arquiteto utilizou, em sua incursão paulistana, entre 1933 e 1934, alguns elementos que adotou também no Rio de Janeiro, em projetos como o do edifício da companhia americana Standard Oil Co., tais como a marquise projetada em balanço ao redor do perímetro do edifício, a inspiração naval dos ornamentos e gradis, as formas sólidas e abauladas dos volumes, os ressaltos em concreto em forma de largas faixas retangulares aplicadas sobre a superfície. Nesta epígrafe, através da expressão “F. RIBA”, Prentice é apresentado como arquiteto formado pelo Royal Institute of British Architects.

Jacques Pilon, arquiteto de origem francesa que trabalhou com Prentice no Rio de Janeiro e, posteriormente, com Francisco Matarazzo Neto na Pilon & Matarazzo Ltda., também registra sua formação acadêmica nesta epígrafe, através da sigla “DPLG” (*Diplômé par le Gouvernement*).

A Companhia Construtora Nacional, responsável pela construção da obra, é fruto do encampamento, em 1928, da antiga Cia. Construtora em Cimento Armado pela empresa germânica Wayss & Freytag (nome grafado na inscrição como Wayss & Freytac). Esse fato é sugerido, na epígrafe da direita, pelo destaque dado ao nome da Companhia Construtora Nacional, e também pela adoção de um tamanho menor de letra para o nome da empresa germânica, que aparece subscrito e entre parênteses.

As epígrafes evidenciam, aqui, a existência de intercâmbios entre diferentes ambientes acadêmicos e profissionais europeus e brasileiros, no processo de edificação da cidade. Elas são, nesse sentido, provas documentais de que algumas práticas, que hoje podemos relacionar à chamada “era da globalização”, já eram relevantes na São Paulo do início do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de assinar edifícios, revelada pelo estudo das epígrafes arquitetônicas, pode ser compreendida e analisada como uma atividade que contribui para a configuração da paisagem que dá origem à identidade visual, estética e cultural de nossas cidades. No caso de São Paulo, as epígrafes do centro histórico são evidências da presença dos agentes envolvidos na construção desse espaço e dos intercâmbios acadêmicos e profissionais entre os agentes, testemunhas do processo de verticalização da cidade. Elas possuem, do ponto de vista das noções de patrimônio histórico, um efetivo *valor documental*, relacionado ao processo material de sua realização, que deve ser preservado e transmitido.

As epígrafes são também registros materiais, perenes e públicos, de um momento da história da arquitetura paulistana no qual a atividade do engenheiro civil e do arquiteto ganha *status* de profissão qualificada, especializada e regulamentada, concedendo a esses profissionais privilégios na configuração do espaço urbano e distinções no meio social. Evidenciam uma determinada postura de valorização da autoria,



Figura 7 – O edifício Sul América de Capitalizações – Sulacap (atual sede da Sul América Saúde), projeto de R. Prentice e J. Pilon.



Figura 8 – Epígrafe arquitetônica encontrada no ed. Sul América de Capitalizações – Sulacap (atual sede da Sul América Saúde), onde se lê: ARCHITECTOS | R.R.PRENTICE | F. RIBA | J.PILON | DPLG.

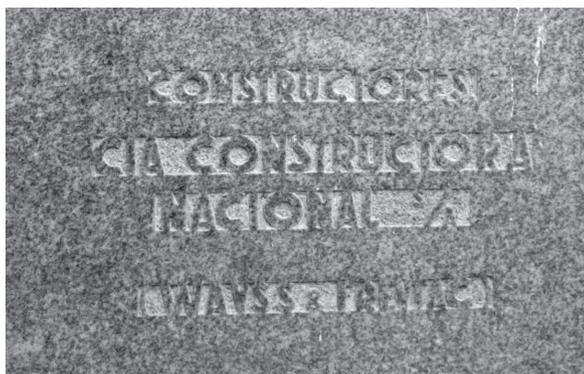


Figura 9 – Epígrafe arquitetônica encontrada no ed. Sul América de Capitalizações – Sulacap (atual sede da Sul América Saúde), onde se lê: CONSTRUCTORES | CIA CONSTRUCTORA NACIONAL S/A | (WAYSS & FREYTAC).

reconhecendo a indissolubilidade entre o artefato arquitetônico criado e realizado e seus processos e agentes. Elas desempenharam, sem dúvida, o papel de elementos valorizadores de produto, verdadeiros atestados, papel atualmente desempenhado pelos selos de certificação.

Devido à sua natureza discreta, quase imperceptível para o usuário da cidade, as epígrafes arquitetônicas são frequentemente negligenciadas ou simplesmente ignoradas. Por esse motivo, correm o risco de ser adulteradas, removidas ou irreversivelmente danificadas. A verificação da presença de epígrafes e a atenção com sua conservação são especialmente relevantes em projetos que envolvam a substituição de revestimento, limpeza ou pintura de fachadas, em ações tanto restaurativas quanto conservativas dos bens arquitetônicos.

Argumentamos, assim, que as epígrafes arquitetônicas devem ser compreendidas e valorizadas não apenas em seus aspectos formais ou visuais, por sua identificável beleza, mas também por seu caráter informativo, indispensável para a construção de uma história mais completa da arquitetura da cidade. Dessa forma, esse trabalho adquire a dimensão de um alerta, pois podemos dizer que qualquer projeto de conservação, revitalização ou restauro de edifícios presentes no núcleo histórico estudado deve levar muito seriamente em consideração as características de seus elementos tipográficos como integrantes da sua materialidade construtiva.

NOTAS

1. A tipografia é compreendida, aqui, de forma ampla, como manifestação gráfica que utiliza caracteres ortográficos (letras) e paraortográficos (números, sinais de pontuação etc.), independentemente da forma de obtenção desses caracteres (por processos mecânicos ou manuais).
2. Originalmente criado no Rio de Janeiro em 1921, o órgão adquire seu caráter nacional e federativo a partir de 1943, com a criação do Departamento de São Paulo.
3. A formação de arquitetos com titulação e currículo autônomo das engenharias só veio a ocorrer, em São Paulo, a partir de 1947.
4. Alguns resultados preliminares desta análise foram apresentados em Farias et. al (2007) e Gouveia et. al. (2007).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAINES, P., DIXON, C. *Signs: lettering in the environment*. London: Collins Design, 2003.
- BARTRAM, A. *Lettering in architecture*. London: Lund Humphries, 1975.
- CAMPOS, C. M. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: Senac, 2000.
- CARVALHO, M. C. W. de. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: Edusp, 1999.
- FARIAS, P. L., GOUVEIA, A. P. S., PEREIRA, A. L. T., GALLO, H. Embodied in Stone: Traces of the History of Architecture Engraved in Public Space. In: *Design/Body/Sense: Physical and Psychological Embodiment in Design – The Design History Society Annual Conference*, 2007 (no prelo).
- FICHER, S. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2005.
- GOUVEIA, A. P. S., PEREIRA, A. L. T., FARIAS, P. L., BARREIROS, G. G. Paisagens tipográficas – lendo as letras nas cidades. *InfoDesign – Revista Brasileira de Design da Informação*, 2007 (no prelo).
- GRAY, N. *Lettering on buildings*. New York: Reinhold, 1960.
- _____. *A history of lettering: creative experiment and letter identity*. Boston: David R. Godine, 1986.
- KINNEIR, J. *Words and buildings, the art and practice of public lettering*. London: Architectural Press, 1980.
- LEMOS, C. A. C. *Ramos de Azevedo e seu escritório*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- SILVA, L. O. da. Verticalização, expansionismo e grandes obras viárias: a modernização limitada. In: Campos, C. M. (org.) *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. São Paulo: Senac, 2004.
- SIMÕES JUNIOR, J. G. *Anhangabaú: história e urbanismo*. São Paulo: Senac/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005
- VALLADARES, C. do P. *Memória do Brasil: um estudo da epigrafia erudita e popular*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1976.

RESUMO

Este artigo apresenta alguns resultados de uma investigação sobre tipografia inserida no ambiente urbano, com especial interesse nas assinaturas de arquitetos e construtores dos edifícios, denominadas epígrafes arquitetônicas. Destacam-se as relações de autoria e o sentido de preservação implícito nessa prática, além do seu caráter documental. Através de exemplos, demonstra-se a relevância do estudo destes elementos epigráficos para o resgate da identidade e do patrimônio da cidade, e também para uma melhor compreensão da história da arquitetura paulistana.

PALAVRAS-CHAVE: história da arquitetura, arquitetura paulistana, tipografia, inscrições.

ARCHITECTONIC EPIGRAPHS: SIGNATURES OF SÃO PAULO CITY ARCHITECTS AND CONSTRUCTORS

ABSTRACT

This paper presents some results of an investigation on typography in the urban environment, with a special interest in the signatures of architects and constructors of the buildings, denominated architectonic epigraphs. Relations of authorship, and the implicit sense of preservation found in this practice are highlighted, as well as its documental character. Through some examples, the relevance of the study of such epigraphic elements to the rescue of the city identity and heritage, and also to a better comprehension of the history of São Paulo city architecture, is demonstrated.

KEYWORDS: history of Architecture, São Paulo city architecture, typography, inscriptions.